

DIÁRIO DO NORDESTE-CE

09/05/2010

NACIONAL

EPIDEMIA DE CESÁREAS ASSOLA O PAÍS, DIZ MINISTRO

Somando os partos realizados no setor público e privado, a taxa de cesarianas no Brasil seria de aproximadamente 40%, mas há tendência de alta quanto ao procedimento

KID JÚNIOR

Temporão diz que no setor público as cesáreas representam 30% dos partos, estando acima do recomendado pela OMS

Brasília O ministro da Saúde, José Gomes Temporão afirma que há uma "epidemia de cesarianas" no país. Para ele esse procedimento cirúrgico é mais comum no setor privado que no público: a taxa de cesáreas do Sistema Único de Saúde (SUS), no qual ocorrem a maioria dos partos, foi de 30% em 2006; nos **planos de saúde**, a taxa naquele mesmo ano foi de 80%.

Para o ministro, se o número de cesarianas no setor público já é alto (o percentual máximo aceito pela Organização Mundial da Saúde é de 15%), o número verificado no setor privado "está fora de qualquer padrão", analisa.

"E nós sabemos das eventuais complicações das cesarianas feitas desnecessariamente", alertou ele, referindo-se a problemas como a maior dificuldade para a recuperação da mãe, infecções pós-parto e até o risco de morte.

De acordo com estudos da Organização Mundial da Saúde (OMS), o risco de morte pode aumentar quando as mulheres são submetidas a cesáreas sem que esse procedimento seja realmente necessário.

Somando-se os partos realizados nos setores público e privado, a taxa de cesarianas no Brasil seria de aproximadamente 40%. Apesar das campanhas de incentivo ao parto normal, Temporão constata que "há uma tendência de alta das cesáreas".

"Estamos perdendo essa guerra", lamentou. O ministro disse que as campanhas do governo, promovidas em parceria com associações de especialistas e a mídia, enfrentam "uma questão complexa que passa pela desconstrução de uma consciência equivocada, que, por sua vez, tem levado muitas mulheres a associar o parto normal à dor e a problemas com a estética de seu corpo".

Entre as causas da mortalidade materna no país, Temporão citou a hipertensão, hemorragias, infecções relacionadas ao parto, o aborto e doenças do aparelho circulatório complicadas pela gravidez.

Hélio Bertolozzi Soares, da **Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia (Febrasgo)**, também defende a redução do número desses procedimentos cirúrgicos - embora argumente que as cesarianas não levem ao aumento dos índices de mortalidade materna, e sim os problemas que aparecem desde o período pré-natal. Ele observa, aliás, que muitas mortes podem ser evitadas de forma preventiva, principalmente nesse período.

“É necessário mudar o sistema de atenção ao parto, pois do contrário as operadoras de **planos de saúde** continuarão a aumentar o número de cesáreas - disse ele, propondo que essas operadoras atuem “em esquema de plantão, assim como no SUS”, avaliou.

CRESCER INCIDÊNCIA

Gravidez aos 40 anos

Brasília O adiamento da gravidez é uma escolha muito comum das mulheres, nos dias de hoje. Dados do IBGE revelam que em 1991 as mães que tiveram o primeiro filho na meia idade eram 7.142 (0,67%) e, em 2000, somavam 9.063 (0,79%).

Ainda que em número absolutos este grupo de mães seja pequeno, o fenômeno já pode ser acompanhado, principalmente, nos estados do Rio de Janeiro, onde passou de 0,91%, em 1991, para 1,09%, em 2000, e São Paulo, de 0,65% para 0,87%.

O fato é que o número de grávidas ou mulheres tentando engravidar na faixa entre 30 e 40 anos tem aumentado nos últimos anos. Pelo menos, 20% das mulheres aguardam até os 35 anos para iniciar uma nova família. São muitos os fatores envolvidos na decisão de adiar a maternidade: a estabilidade profissional, a espera por um relacionamento estável, o desejo de atingir segurança financeira, ou, ainda, a incerteza sobre o desejo de ser mãe.

“Entretanto, é importante alertar estas mulheres sobre as consequências desta decisão: a idade pode afetar a capacidade de conceber. É também importante informá-las sobre os tratamentos disponíveis que podem ajudá-las a engravidar, quando elas decidirem que o melhor momento chegou”, afirma o ginecologista e obstetra Aléssio Calil Mathias.

Assunto: PLANO DE SAÚDE